

## SIMPÓSIO 12

### VARIEDADES DE PORTUGUÊS FALADAS NA ÁFRICA: OS SUBSTRATOS ‘NÍGER CONGO’ E ‘CRIoulos’

É recente, na agenda dos linguistas, a investigação de “variedades de português faladas na África”. Trata-se, na quase totalidade, de variedades de português não padrão – algumas em desaparecimento –, originadas da aprendizagem e da transmissão informais desta língua na África. Os esparsos estudos sobre a sua tipologia e sistemas gramaticais têm mostrado que podem dar contributo valioso à atual teoria linguística, não só acerca dos fenômenos que subjazem à sua aquisição como L2s e reestruturação como L1s, mas também sobre a origem e reestruturação do próprio português falado no Brasil.

As variedades de português faladas na África têm como substrato dois grupos: (i) línguas africanas do grupo Níger Congo; (ii) línguas crioulas do Atlântico que, por sua vez, apresentam as línguas Níger Congo como substrato ancestral.

Figueiredo (2010: 2.1.1.) aponta o seguinte conjunto de variedades de português de substrato Níger-Congo:

- (i) Português dos Tongas (Roça Monte Café, São Tomé)
- (ii) Português Vernacular de Angola
- (iii) Português de Moçambique

Figueiredo (2010: 2.1.1.) e Oliveira, Baio & Injai (a sair) mencionam o seguinte conjunto de variedades de português de substrato Crioulo:

- (i) Português caboverdiano (e seu substrato: Crioulo de Cabo Verde)
- (ii) Português de Almojarife (e seu substrato: Crioulo de São Tomé)
- (iii) Contínuo Português Guineense (e seu substrato: Crioulo de Guiné Bissau)  
 (“português acadêmico guineense”/“português crioulo guineense”)

É neste cenário de diversidade do português falado na África que se inscreve a reflexão pretendida pelo simpósio. Dada a sua perspectiva, pesquisas empíricas com análise formal são bem vindas, sendo igualmente bem vindos estudos de cunho etnolinguístico e/ou comparativo entre variedade(s) de português falada(s) na África, com variedades de português falado no Brasil, em Portugal ou na Ásia; este último observado recentemente apenas em particularidades da aquisição por falantes chineses em ambiente formal de sala de aula (p.e. Godinho, 2005; Martins, 2007).

#### COORDENAÇÃO

**Carlos Filipe Guimarães Figueiredo**

Universidade de Macau  
 carlosgf@umac.mo

**Márcia Santos Duarte de Oliveira**

Universidade de São Paulo  
 marcia.oliveira@usp.br

## A BANTUFONIA NA VARIEDADE ANGOLANA DO PORTUGUÊS

Janine Félix da SILVA (UNIR/RO)<sup>216</sup>  
Bernardo Sipiali SAKANENE (ESP/BENGO/ANGOLA)<sup>217</sup>

**Resumo:** O presente estudo centra-se no domínio da reflexão sobre a variedade angolana do português, a qual eivada de palavras vindas das línguas bantu difere-se, de alguma forma, das outras variedades. Para compreensão desse estudo passou-se pelas seguintes vias: natureza fonológica da variedade angolana, onde colocamos as principais interrogações para o estudo que se pretende, passando em revista a definição do termo bantufonia; em seguida, uma resenha sobre o panorama linguístico e o percurso histórico de Angola, nesse item focou-se o início da colonização, o qual tem quota-parte do fenômeno em estudo; por fim, momentos da bantufonia, que começa com a entrada das palavras das línguas bantu e a forma como são pronunciadas, seguido de um estudo minucioso com o inventário das consoantes, classificação e uma análise sobre construções típicas dessa variedade do português.

**Palavras-chave:** Fonologia. Português Angolano. Bantufonia. Vocábulos.

### 1. Introdução

Sabe-se que Angola é umas das antigas colônias portuguesas, como tal, a língua que se usa hoje foi imposta por eles, claro que esta atitude justificava-se, porque não se poderia colonizar se não houvesse comunicação entre o colonizador e o colonizado. Ora, acontece que, este processo nem sempre foi pacífico, se por um lado impunham a língua, por outro já existiam as línguas regionais. Isso fez com que surgisse a interferência de termos oriundos das línguas bantu no português falado em Angola. Essa mistura linguística, que chamaremos por bantufonia, fez com que nascesse a ideia de analisarmos tais termos na perspectiva fonológica, para tentarmos compreender a razão desta e daquela pronúncia.

Estudaremos os termos já transferidos propostos no trabalho anterior (SAKANENE, 2011) e, através de explicações simples, esclarecer alguns “caos” linguísticos mais comuns. Sendo assim, o presente estudo está dividido em quatro partes: i) a natureza fonológica da variedade angolana; ii) o panorama linguístico angolano, iii) o percurso histórico, onde se fará incursão pela história para tentar compreender o fenômeno em estudo com particular realce para o início da colonização em Angola e iv) os momentos da bantufonia<sup>218</sup>, o qual dará lugar a várias discussões no âmbito da fonologia dessa variedade.

### 2. Natureza fonológica da variedade Angola do português

O presente texto corporiza, antes de qualquer coisa, uma reflexão sobre a natureza fonológica da variedade angolana do português, a qual eivada de palavras vindas das línguas bantu se difere de alguma forma das outras variedades.

<sup>216</sup> Professora Assistente da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR/RO, Campus de Guajará-Mirim/RO. Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil. E-mail: janine@unir.br

<sup>217</sup> Professor da Escola Superior Pedagógica do Bengo/Angola, Departamento de Língua Portuguesa. Província do Bengo, Angola. E-mail: besakanene08@hotmail.com

<sup>218</sup> Por bantufonia, entende-se o processo pelo qual a língua portuguesa falada em Angola passa a ter uma especificidade por influência das línguas bantu, ou seja, quando a língua portuguesa adquire, na forma falada, algumas semelhanças com as línguas bantu, principalmente no nível da pronúncia.

Dessa forma, a discussão sobre a bantufonia se assenta nos seguintes pilares:

- a) A inexistência de determinadas estruturas nas línguas bantu (língua primeira de muitos angolanos) faz com que muitas palavras da língua portuguesa adotem outra estrutura fonológica. Tal com o ilustra oa tabela a seguir.

Tabela 1: Comparação lexical entre as variedade europeia, brasileira e angolana do Português

	Palavras	Variedade Europeia	Variedade Brasileira	Variedade angolana
		Estrutura Silábica	Estrutura Silábica	Estrutura Silábica
		c +v+c	c +v+c	c+v+c+v
<b>Representação fonética</b>	Cal	[kɔl]	[kɔ]	[kɔl]
	Can (campeonato africano das nações)	[kã]	[kã]	[kɔni]
	PAM (programa alimentar mundial)	[pã]	[pã]	[pɔmi]
	Sal	[sɔl]	[sɔw]	[sɔli]
	Sol	[sɔl]	[sɔw]	[sɔli]

FONTE: SAKANENE (2011)

- b) Como caracterizar em termos fonológicos as palavras que foram transferidas para a variedade angolana do português, mormente as que têm na sua constituição pré-nasais?

c) Será que é possível falar de lusofonia em Angola, onde parte das palavras do português que se fala nessa circunscrição e a forma de produção fônica é diferente das outras?

### 3. PANORAMA LINGUÍSTICO DE ANGOLA

#### 3.1. Percurso histórico

Sabemos que o processo de colonização de Angola foi feito graças à imposição da língua. Isso se deu quando, em 1482, o Diogo Cão chegou à foz do rio Zaire, no reino do Congo.

Os primeiros contactos entre angolanos e portugueses se deram quando o rei D. João II, de Portugal, confiou a Diogo Cão a missão de descobrir, ou pelo menos tentar descobrir, o caminho marítimo para a Índia, e aproveitar a oportunidade para fazer o reconhecimento da costa ocidental de África. Porém, tinham orientações expressas para não fazer o uso da violência assim como, antes de mais, não se esquecer de colocar, se possível, padrões de pedra a assinalar a passagem dos portugueses nas terras descobertas (SETAS, 2007, p. 49).

Os fatos inverteram-se forçando, deste modo, os nativos a colocarem em prática a máxima segundo a qual ‘aceitar benefícios é vender a liberdade’. Assim sendo, não só foram obrigados a devolver e serem trocados por especiarias como também a se esquecer dos seus hábitos e costumes por ser, no seu entender, demoníaco e retrógrado. Esta atitude deu azo a muita contestação.

A 11 de Fevereiro de 1575, Paulo Dias de Novais chegava a Ilha de Luanda. Pouco tempo depois assentou a primeira povoação no forte de S. Miguel, cuja toponímia atual corresponde ao museu das forças armadas, ao qual se deu o nome de S. Paulo de Loanda. Para efectivação dos seus anseios, os portugueses começaram por construir portos e fortalezas na costa marítima para posterior penetração no interior de Angola tendo sido bem sucedidos. Ao chegar à África, nem tudo corria as mil maravilhas, porque não obstante as outras potências que tiveram que enfrentar havia outro elemento que ‘lutava’ contra eles – o clima. Contudo, só a partir de 1575 que um grande número de colonos portugueses começa a se instalar em Luanda, Benguela (1617) e Namibe (1785), respectivamente. E para uma colonização efetiva utilizaram a língua portuguesa, impondo, deste feito, o monolinguismo.

Desde 1482 até 1975 os portugueses permaneceram em Angola, impondo tudo, obrigando os nossos ancestrais a se esquecerem das suas culturas, a viver como eles e, principalmente, a falar o português “correctamente”, critério fundamental para ser-se assimilado. “É interessante notar que, ao mesmo tempo em que os portugueses queriam forçar os angolanos a absorver a sua cultura, eles os reprimiam, não lhes permitindo um conhecimento profundo da cultura portuguesa” (MINGAS, 2000, p. 33). Tal atitude também permitiu que a língua não fosse aprendida com profundidade e fazendo dela algo diferente, pois foi a partir desta, e de outros comportamentos, que o português falado em Angola começou a ter suas peculiaridades.

### 3.2. Momentos da bantufonia na variedade angolana do português

#### a) Introdução de palavras vindas das línguas bantu de Angola

O processo de integração das palavras das línguas bantu foi gradual e despropositado, uma vez que este começa com a imposição da língua portuguesa ao povo encontrado. Determinados utensílios, lugares, entre outras coisas, não tinham nomes correspondentes na língua portuguesa, isso gerou a inserção de palavras das línguas bantu gião ao português imposto. O empréstimo linguístico dessas línguas no português se deu, ora por insuficiência vocabular do novo falante, outras pela necessidade de uso semântico das mesmas.

É interessante notar que a media angolana impulsiona esta mistura lexical, fazendo com que cada dia ganhe mais força [...] as estações radiofônicas locais, nos seus mais variados programas mencionam com alguma frequência nomes como: *museke, maka, mayuya, kilape, sekulo*. (SAKANENE, 2011, p. 24)

Esse processo tem feito com que a língua seja estudada do ponto de vista não só do léxico, mas também do ponto de vista fonético-fonológico, quando avaliamos a forma como esse léxico é articulado ao entrar em um como português. Acreditamos, com base nas várias teses apresentadas por Ondjaki (2012), no facto de que a introdução de diversas palavras de origem bantu no português falado em Angola faz com que a pronúncia deste seja diferente da dos outros países, eis por essa razão, que propomos o termo bantufonia. Poderíamos, se calhar, optar por outra designação como: angolafonia, entretanto preferimos o termo anterior por ser, no nosso entender, mais abrangente pelo facto das línguas bantu não serem usadas apenas em Angola.

### b) Vocábulos arraigados no português angolano<sup>219</sup>

É um facto que existem várias palavras de origem bantu na variedade angolana do português como podemos ver a seguir:

Tabela 2: empréstimos bantu ao português angolano

Nome	Transcrição fonética	Significado
Ambundu	[ã <sup>m</sup> bũ <sup>n</sup> du]	Pessoas que falam kimbundu, grupo etnolinguístico.
Axilwanda	[aʃɪlwã <sup>n</sup> da]	Natural da Ilha de Luanda, os primeiros habitantes de Luanda.
Banga	[bã <sup>n</sup> ga]	Vaidade.
Besangana	[besã <sup>n</sup> ganã]	Traje típico que as mulheres da Ilha de Luanda usam.
Bikular	[bikular]	Fazer o funje.
Cimbungu	[tʃ <sup>m</sup> bũ <sup>n</sup> gu]	Fantasma.
Cinganji	[tʃ <sup>n</sup> gã <sup>n</sup> zi]	Palhaço.
Cipangisa	[tʃ <sup>i</sup> pã <sup>n</sup> gisã]	Dores que antecedem o parto.
Dikanza	[dikã <sup>n</sup> za]	Instrumento musical.
Dikomba	[dikõ <sup>m</sup> ba]	Sucesso, varredura. De kukomba, varrer. Alusão a forma com os negócios correm.
Dikulu	[dikulu]	Problemas
Efiko	[ɛfiko]	Rito de iniciação feminina.
Ekwenje	[ekwẽ <sup>n</sup> ze]	Rito de iniciação masculina.
Elitoko	[elitoko]	Vaidade.
Funji	[fũ <sup>n</sup> zi]	Massa cozida de farinha, geralmente de: milho, massango, massambala, mandioca; pirão.
Lohaku	[loaku]	Sandálias, sapatos.
Lomundo	[lomũ <sup>n</sup> do]	Piquenique.
Londindi	[lõ <sup>n</sup> dĩ <sup>n</sup> di]	Calçados.
Losaka	[losaka]	Prato tradicional angolano.
Lwandu	[l <sup>w</sup> ã <sup>n</sup> du]	Utensílio que se usa para dormir, estrato.
Maini	[mãini]	Leite fermentado.
Maka	[maka]	Problema.
Makulu	[makulu]	Oxiuri.
Makumba	[makũ <sup>m</sup> ba]	Feitiço.
Makunde	[makũ <sup>n</sup> de]	(Vigna unguiculata) erva anula, feijão.
Malamba	[malã <sup>m</sup> ba]	Problemas, amarguras.
Maluvu	[maluvu]	Vinho de sumo, seiva de matebicira, pamito ou bordão.
Matete	[matete]	Papa
Mayuya	[mayuyã]	Falso, borbulha. Alusão à facilidade com esta rebenta.
Meyandungu	[meyã <sup>n</sup> dũ <sup>n</sup> gu]	Molho feito de cebola, sal, água e óleo.
Misanga	[misã <sup>n</sup> ga]	Adorno, cordão,
Monandenge	[mõnadẽ <sup>n</sup> ge]	Criança.
Monangamba	[mõnã <sup>n</sup> gã <sup>m</sup> ba]	Servente, criado.
Mufete	[mufete]	Prato tradicional
Muhanya	[muanã]	Natural da Hanya.

<sup>219</sup> Mister se faz ressaltar que as palavras ora expostas estão escritas tal como o são em suas línguas de origem, embora se fale de variedade da língua portuguesa, pois o seu registro gráfico ainda não é consensual.

Mukanda	[mukã <sup>n</sup> da]	Carta, licença de condução.
Mukipungu	[mukipũ <sup>n</sup> gu]	Natural do kipungu.
Mulembeira	[mulẽ <sup>m</sup> bejra]	Sombra. Estas árvores têm os ramos grandes e produzem muita sombra, daí o nome.
Mulumba	[mulũ <sup>m</sup> ba]	Corcunda.
Mundombe	[mũ <sup>n</sup> dõ <sup>m</sup> be]	Natural do Ndombe Grande.
Munganda	[mũ <sup>n</sup> gã <sup>n</sup> da]	Natural da Ganga.
Muringe	[murĩ <sup>n</sup> gi]	Utensílio que serve para conservar água.
Musolongu	[musolõ <sup>n</sup> gɔ]	Natural do Soyo.
Museke	[musekε]	Na periferia.
Musumbe	[musũ <sup>m</sup> bε]	Natural do Sumbe.
Muwila	[mu <sup>w</sup> ila]	Natural da Wila.
Mwadye	[m <sup>w</sup> ad̥ε]	Jovem
Mwamba	[m <sup>w</sup> ã <sup>m</sup> ba]	Prato tradicional angolano, amendoim moído.
Mwangola	[m <sup>w</sup> ã <sup>n</sup> gɔla]	Angolano.
Mwata	[m <sup>w</sup> ata]	Dinheiro. Alusão ao dinheiro que as pessoas tinham.
Mbaku	[mbaku]	Pessoa ou animal que não procria, estéril.
Mbomba	[mboba]	Funje do dia anterior.
Mbuku	[mbuku]	Aquele que tem as pernas ou braços amputados, deficiente.
Nakas	[nakα]	Hortas.
Nambi	[nã <sup>m</sup> bi]	Óbito.
Ngwenda	[ <sup>n</sup> g <sup>w</sup> ẽ <sup>n</sup> da]	Farra. Alusão ao acto de andar (de ongendero, passos).
Ocimbundu	[oʃibũ <sup>n</sup> du]	Pessoa pertencente a etnia umbundu.
Ocipete	[oʃipete]	Algibeira
Pelengela	[pelẽ <sup>n</sup> gela]	Ressaca.
Pulunguza	[pulũ <sup>n</sup> guza]	Força, disposição.
Jindungu	[jĩ <sup>n</sup> dũ <sup>n</sup> gu]	Fruto do jindungueiro, malagueta pequena.
Jingongo	[jĩ <sup>n</sup> gõ <sup>n</sup> gɔ]	Gêmeos (de ngongo).
Jinguba	[jĩ <sup>n</sup> guba]	Fruto da jinguba, amendoim.
Jingusu	[jĩ <sup>n</sup> gusu]	Força.
Jipalo	[jipalo]	Doença, londalu.
Kacipete	[kaʃipete]	Bolso pequeno.
Kalongolo	[kalõ <sup>n</sup> golo]	Aquele que tem as pernas cruzadas, deficiente.
Kalundu	[kalũ <sup>n</sup> du]	Ataque de nervos.
Kamba	[kã <sup>m</sup> ba]	Amigo.
Kambangula	[kã <sup>m</sup> bã <sup>n</sup> gula]	Rasteira.
Kambayo	[kã <sup>m</sup> bajo]	Pessoa com pernas arqueadas.
Kandandu	[kã <sup>n</sup> dã <sup>n</sup> du]	Saudação.
Kandenge	[kã <sup>n</sup> dẽ <sup>n</sup> gε]	Criança.
Kandongga	[kã <sup>n</sup> dõ <sup>n</sup> ga]	Negócio.
Kandongeiro.	[kã <sup>n</sup> dõ <sup>n</sup> gejru]	Negociante.
Kangongo	[kaŋoŋo]	Corcunda
Kangulu	[kã <sup>n</sup> gulu]	Carro de mão.
Kanjaviti	[kã <sup>n</sup> javiti]	Machado.
kanzumbi	[kã <sup>n</sup> zũ <sup>m</sup> bi]	Fantasma.
Kasumuna	[kasumuna]	Formiga.
Kibaka	[kibaka]	Assento, mocho.
Kibuto	[kibutu]	Saco grande.

Kikwanga	[kik <sup>w</sup> ã <sup>n</sup> gɑ]	Prato tradicional angolano.
Kilape	[kilapɨ]	Dívida.
Kilapeiro	[kilapɛjru]	Credor.
Kilumba	[kilũ <sup>m</sup> ba]	Moça, donzela.
Kimbanda	[kĩ <sup>m</sup> bã <sup>n</sup> da]	Terapeuta tradicional.
Kimbo	[kĩ <sup>m</sup> bu]	Aldeia.
Kimbombo	[kĩ <sup>m</sup> bõ <sup>m</sup> bɔ]	Bebida tradicional angolana.
Kimbombeiro	[kĩ <sup>m</sup> bõ <sup>m</sup> bejru]	Aquele que usa de forma excessiva o kimbombo.
Kimoni	[kimoni]	Vestimenta.
Kingila	[kĩ <sup>n</sup> gila]	Pessoa que venda ambulante de dinheiro,
Kisangwa	[kisã <sup>n</sup> g <sup>w</sup> a]	Bebida típica angolana sem álcool.
Kisonde	[kisõ <sup>n</sup> de]	Formiga. Alusão ao sangue que esta suga.
Kitaba	[kitaba]	Amendoim com sal e jindungu.
Kitanda	[kitã <sup>n</sup> da]	Aquilo que se vende, o negócio.
Kitandeira	[kitã <sup>n</sup> dejra]	Vendedora
Kitutes	[kitutiʃ]	Acepipe tradicional angolano, prato da terra.
Kixikila	[kɨfikilɑ]	Crédito.
Kizaka	[kizaka]	Prato tradicional.
Kizango	[kizã <sup>n</sup> gu]	Problema, confusão.
Kota	[kɔta]	Mais velho, adulto.
Kubata	[kubata]	Casota, casinha, casebre.
Kunanga	[kunã <sup>n</sup> ga]	Desempregado, que passa o dia em casa.
Kupapata	[kupapata]	Moto taxista. Alusão ao trajecto que a motorizada faz.
Tambi	[tã <sup>m</sup> bi]	Óbito.
Vikwata	[vik <sup>w</sup> ata]	Haveres.
Xingilar	[ʃĩ <sup>n</sup> gilar]	Servir de intermediário entre os espíritos os vivos.
Wanga	[wã <sup>n</sup> ga]	Feitiço.
Wela	[wela]	Jogo.

Fonte: SAKANENE, 2011.

Com base nos exemplos acima podemos perceber o seguinte:

- **Classificação das vogais:** no que diz respeito à classificação das vogais, das palavras ora transcritas foneticamente, geralmente as vogais finais são abertas. A exceção das palavras que funcionam com o radical bantu e o sufixo português, essas sim apresentam um grau de fechamento em posição final. Além disso, percebemos que há um processo de nasalização parcial, tendo em vista os complexos nasais pospostos às vogais nasalizadas.
- **Presença de consoantes pré-nasais:** Embora tenhamos seguido a transcrição de acordo com o modelo das palavras da língua portuguesa, isso no que respeita a partição destas, vimos que nas palavras *mbaku*, *mbuku*, *mbomba* há presença de pré-nasais, as quais são típicas das línguas bantu e ao fazermos a partição das mesma será um diferente das normas (mbo-mba, mba-ku, mbu-ku).

c) **Construções típicas da variedade:** *O meu filho de homem*. Na variedade angolana é comum ouvir construções desse tipo, pelo facto destas estarem fortemente patentes na população local, a qual dificilmente consegue desfazer-se desse tipo de estrutura. Lembremos, pois, que as LN estão organizadas em pares de prefixos nominais, os quais exprimem o número e não fazem referências a questões de gênero “as distinções sexuais não são importantes” (Amélia Mingas, apud William, Welmers, 1973:159). Nesse caso, os falantes que utilizam essa estrutura o fazem na tentativa de explicar a questão de gênero, pois, como

dissemos anteriormente, nas LN geralmente eles utilizam a mesma palavra para dizer filho (a) e para explicar o sexo da criança eles vão dizer filho homem, filha mulher.

**d) Formação do Plural:** Em português a marca do plural (-s)/ (-es) surge à direita (ex. farrapo(s), haver (es), cão (es), papa(s), palhaço(s), amigo(s), pilão(ões) gamela(s)). Em algumas palavras da variedade angolana, atendendo a sua origem, a marca do plural surge à esquerda, através de um prefixo classificador. Porém, essas palavras quando são transportadas para a língua portuguesa falada em Angola, sofrem algumas alterações para se adequarem ao esquema fonotático da língua.

<b>Kambwa</b> (pl. <b>olombwa</b> )	<b>kambwaS</b> - “amigo(s)”
(∅)Sekulo (pl. <b>olosekulo</b> )	<b>sekuloS</b> - “mais velho, conhecedor de assuntos profundos da região, soba
(∅)Kota (pl. <b>vakota</b> ) - (∅)	<b>kotaS</b> - “mais velho”

**e) Formação do diminutivo:** As variedades europeia e brasileira do português usam os sufixos: -inho (a), -ito, para exprimir diminuição (ex.: **carrinho**, **carrito**, **rapazito**). Diferente é a forma como estes afixos são em Angola por influência das línguas nacionais que ao invés do uso desses sufixos utiliza o prefixo ka-, o qual, geralmente (ou na maioria das vezes), dá informação de diminuição, sendo refletido no português angolano. É o caso de palavras como: **Kaboko** “alicerce”, **Kamuringue** “bilha para agua”, **Kambuta** “pessoa de baixa estatura”, **Kapuka** “bebida alcoólica”.

**f) Formação dos nomes gentílicos:** Nas variedades europeia e brasileira do português, os nomes gentílicos são formados por ([local rad.] +[sufixos adj.]) como: **luandense** (de Luanda), **hanyense**(da Hanya), **dombense** (do Dombe Grande), **gandense** (da Ganda), **namibense** (do Namibe), **uigense** (do Uíge), **cabindense** (de Cabinda), **soyoense** (do Soyo), **kipunguense** ( do Kipungu), **angolano** (de Angola). No entanto alguns nomes gentílicos e pátrios da variedade angolana seguem um padrão de formação diferentes ([pref. nominal]+[nome] adj.]). Assim, temos:

<b>Singular</b>	<b>Plural</b>
<b>Muhanya</b>	<b>Vahanya</b> “pessoa(s) da Hanya”
<b>Mukubal</b>	<b>Vakubal</b> “pessoa (s) do Cuvale”
<b>Mukipungu</b>	<b>Vakipungu</b> “pessoa (s) do Kipungu”

#### g) Formação de novos vocábulos

"O enriquecimento do vocabulário da língua portuguesa é conseguido a partir da formação de novas palavras com base noutras já existentes" (OLIVEIRA & SARDINHA, 2006, p. 100). Tal é assim que temos radicais na língua portuguesa aos quais se juntam os afixos para formar várias palavras (**vendedora**, **palitar**, **infernizar**, **emagrecer**). O mesmo acontece com algumas palavras da variedade angolana do português, embora estas utilizem muitas vezes radicais de palavras das línguas nacionais com sufixos da língua portuguesa. É o caso das palavras seguintes: **Kilapeiro** “credor”, **Kimbombeiro** “alcoólatra”, **Kandongueiro** “negociante, comerciante, taxista”;

Observamos nos exemplos acima a atualização dos sufixos de língua portuguesa e os sufixos das línguas bantu que são: ki- nos dois primeiros e ka- no último.

## 4. Considerações finais

É um fato que as línguas não são homogêneas nos lugares onde são faladas. No português Angolano esse pormenor está associado à presença de palavras das línguas bantu,

as quais fazem parte dos hábitos linguísticos dos falantes locais. A reflexão recaiu sobre a forma como estas palavras são pronunciadas e principalmente que designação tem. Com efeito, propôs-se o termo bantufonia para explicar a forma de articulação das palavras dessa variedade, ou seja, o ‘falar angolano’. Por conseguinte, o termo escolhido recaiu sobre três pilares basilares: i) a variedade angolana apresenta uma estrutura fonológica diferente por causa das línguas bantu; ii) algumas palavras fruto da sua origem apresentam pré-nasais e a partição destas é feita de forma diferente das variedades portuguesa e brasileira; iii) a frequência de uso de várias palavras das línguas bantu fez com que o termo bantufonia se encaixasse em pleno.

É importante entender que as línguas bantu possuem estruturas fonológica, morfológica e sintático-semântica totalmente diferente da língua portuguesa, além disso, a cultura e a história africana bantu têm representações que, em muitos casos, traduzidas para o português não possuem o mesmo sentido e, muitas vezes, não fazem o menor sentido. Devemos entender, também, que o português como língua imposta teve que conviver com as várias línguas nativas e em algum momento da história linguística de Angola essas línguas iriam se misturar.

Observamos com esse trabalho que a variedade angolana do português não é a mesma que a variedade europeia ou brasileira, entre outras; e que existe uma forte influência das línguas bantu no português falado naquela região, o que aqui chamamos de bantufonia. Entretanto, estudos mais profundos precisam ser feitos sobre esse assunto para que de fato se tenha uma sistematização dos fenômenos ocorridos no mesmo. Sendo assim, aproveitamos o ensejo para chamar a atenção dos linguistas, angolanos ou não, para refletirem sobre essa temática e quiçá sistematizar a forma de articulação linguística do português falado em Angola.

### Referências Bibliográficas

DUARTE, Inês, *Língua portuguesa: Instrumentos de análise*, Lisboa, Universidade Aberta, 2000, 436 pp.

FARIA, Isabel Hub (org), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1996, 619 pp.

FERNANDES, João & NTONDO, Zavoni, *Angola: Povos e Línguas*, Editorial Nzila, Luanda, 2003, 133 pp.

MARQUES, Irene Maria Guerra, *Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola*, Luanda, Inald, 1985, 25 pp.

MIGUEL, Maria Helena, *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*, Luanda, editorial Nzila, 2003, 125 pp.

MINGAS, Amélia, *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*, Luanda, Chá de Caxinde, 2000, 105 pp.

ONDJAKI (2012, 20 de Maio) *sou angolano de expressão angolana e não africano de expressão portuguesa: Club k Angola portal de notícias.*

OLIVEIRA, Luísa & SARDINHA, Leonor, *Saber português, gramática pedagógica da língua portuguesa*, 4ª edição, Lisboa, Didáctica editora, 256 pp.

REIS, Victorino, *Sociolinguística, dinâmica funcional vs problemas funcionais da língua*, Luanda, Nzila, 2006, 95 pp.

SAKANENE, Bernardo Sipiali, *Angolanização do Português, Perspectivas para uma variedade Angolana*, TFCL – FL, Luanda, 2011, 63 pp.

SETAS, António, *História do Reino do Kongo*, Luanda, editorial Nzila, 2007, 277 pp.